

«Irreverente e original. Mas são os temas da identidade e da possibilidade de vivermos e sermos amados por quem somos que o colocam noutra liga.»

Entertainment Weekly

MELHOR
ROMANCE

Entertainment Weekly
Library Journal

AS VANTAGENS
de um
AMOR
INVISÍVEL



Autora bestseller do *New York Times* e do *Usa Today*

ERICA
RIDLEY

TOP
SEL
LER

1



Outubro de 1817 *Londres, Inglaterra*

Tommy Wynchester desceu de um dos muitos barcos atracados em Billingsgate e entrou na confusão do mercado. O cheiro do rio permeava o ar fresco, assim como a cacofonia de vozes, pontuada pelos gritos dos vendedores, apregoando peixe, caranguejos e inúmeros deleites e tesouros.

Era o lugar perfeito para uma barqueira desaparecer.

Um cavalheiro emergiu das bancas apinhadas que se estendiam ao longo da doca. A aba do seu chapéu estava puxada para baixo, protegendo-o do vento gelado de outono, mas Tommy não precisava de ver o seu rosto para o reconhecer. Alto e robusto. Cabelos negros e pele bronzeada. O hábito irritante de, com todo o dramatismo, ler em voz alta os escândalos que faziam notícia no jornal matinal, enquanto as outras pessoas tentavam tomar o pequeno-almoço em paz.

— Já o tens? — murmurou Graham quando os cotovelos de ambos estavam suficientemente próximos para se tocarem.

— Claro. — Tommy passou-lhe o embrulho.

Graham continuou a andar.

Um instante depois, o irmão de Tommy desaparecia no meio da multidão atarefada, mais esquivo do que as enguias anunciadas junto ao rio. Era possível que tivesse um cavalo amarrado a um poste algures. Ou que se enfiasse num beco estreito para

trepar aos telhados, onde poderia seguir caminho à vontade, em vez de se ver obrigado a tentar atravessar a multidão que enchia as ruas.

A missão de Tommy estava cumprida. Podia relaxar e largar a vida de barqueira. E sabia exatamente por onde começar: na estalagem Amêijoa & Berbigão.

A mesa preferida de Tommy, com vista para o rio, estava ocupada por duas mulheres, sentadas nas cadeiras de verga. A mais pequena, a rapariga loura de expressão distante e madeixas vermelhas no cabelo, era Marjorie, irmã de Tommy. A mulher de olhos verdes, vivos e penetrantes, cuja bengala robusta ocultava uma lâmina afiada, era a sua outra irmã, Elizabeth.

Faltava apenas Chloe.

Tommy e Chloe eram inseparáveis desde que se tinham conhecido no orfanato. Tommy não passava de uma bebé de colo. Cresceram juntas, primeiro como órfãs em camas contíguas, e depois como protegidas do excêntrico Barão Vanderbean.

Mas Chloe casara com um duque. Tinha outras responsabilidades e já não era livre para se juntar às aventuras dos irmãos, por mais que Tommy sentisse a sua falta.

— Onde estão eles? — perguntou ao sentar-se.

— Devem estar a chegar. — Os dedos de Elizabeth acariciavam uma pega de latão em forma de serpente.

— As vossas ostras! — cantarolou uma voz forte. Uma criada pousou um cesto a abarrotar no centro da mesa, juntamente com uma caneca de cerveja para Tommy.

— Vocês são as melhores irmãs — disse Tommy com fervor, atirando-se às ostras.

— E tu és a pior — resmungou Elizabeth. — Quem me dera poder emborcar litros de cerveja em público sem receber olhares reprovadores de quem passa.

— Dá-lhes com a bengala — sugeriu Marjorie. — É má educação ficar a olhar para as pessoas.

— Ou torna-te barqueira — disse Tommy entre dentadas, tendo o cuidado de se virar para a irmã enquanto falava. Marjorie tinha dificuldade em ouvir com o barulho de uma multidão de fundo. — Ninguém presta atenção ao que fazemos.

— Tu não és barqueira — lembrou Elizabeth. — Isso é só um papel.

— *Era* — corrigiu Marjorie secamente, elevando a voz.

Para Tommy, os muitos papéis que desempenhava eram como um jogo. Adorava fazer-se passar por outra pessoa, mas sentia-se feliz sempre que tirava o disfarce e podia ser ela própria.

— Encontraste a peixeira solteirona dos teus sonhos? — perguntou Elizabeth.

— Estive a trabalhar — lembrou Tommy. — Há tempo para procurar o amor.

— Mentirosa — disse Elizabeth. — Deixaste de o procurar desde que puseste os olhos na...

— Chiu. — Tommy sentiu-se a corar. — Os Wynchesters metem-se na vida das *outras* pessoas. Não na minha.

Marjorie animou-se.

— E o Graham?

Aliviada com a mudança de assunto, Tommy apontou para os edifícios do outro lado do mercado.

— Foi fazer o seu papel de herói. Esta noite, um pai irá finalmente reunir-se com a sua família. Obrigada pela falsificação, já agora.

— É sempre um prazer — respondeu Marjorie, empertigada.

— Eu podia ter ido no barco contigo — disse Elizabeth. — Dava uma sova nos vilões ou furava-os com a minha lâmina.

— Não foi preciso furar ninguém — assegurou Tommy. — Eu avisava, se precisasse de ti.

— Desta vez o sinal não eram texugos, pois não? — perguntou Marjorie.

Tommy abanou a cabeça.

— Tourões.

— Tourões — repetiu Marjorie. — Devo perguntar o que é isso ou é melhor permanecer na minha abençoada ignorância?

— Escolhe a abençoada ignorância — respondeu Elizabeth, com sentimento. — Nem quero saber como é que o Jacob conseguiu *treinar* um tourão.

Cada um dos Wynchesters possuía talentos únicos que os ajudavam a apoiar os oprimidos e os desesperados. Os métodos dos

irmãos podiam ser pouco ortodoxos... ou, por vezes, ligeiramente ilegais... mas, no fim de contas, a fé regressava aos que tinham perdido a esperança, e era feita justiça.

O que podia abrir mais o apetite do que isso?

— Nunca te cansas de ser outra pessoa? — perguntou Marjorie.

— Nunca — respondeu Tommy, sem hesitar.

Adorava sentir o vento fresco passar pelos seus curtos cabelos castanhos e o calor confortável da gravata de linho amarrada em volta do pescoço. Também adorava bater com um martelo pesado numa bigorna, dizer baboseiras por aí como uma velhota míope ou saltitar nervosamente pela cidade como uma donzela indefesa.

Duas décadas antes, ainda uma menina magricela de 6 anos deitada numa cama estreita de um orfanato, Tommy tentava imaginar que tipo de pessoa seria ou que trabalho teria quando crescesse.

Nunca lhe passara pela cabeça que a resposta pudesse ser: *todos!*

Certo verão, o rico e solitário Barão Vanderbean tirou seis órfãos da pobreza e transformou-os numa família. Deu-lhes um novo rumo e mudou as suas vidas para sempre.

Tinham passado 15 meses desde que Bean morrera. Tommy ainda sentia a sua falta todos os dias, mas os irmãos Wynchester haviam seguido em frente, fazendo a sua parte para melhorar as vidas de outros, assim como Bean fizera com eles.

— Há algum papel que ainda não tenhas desempenhado? — perguntou Marjorie.

— Príncipe Regente — atalhou Elizabeth antes de Tommy poder responder. — *Isso* gostava eu de ver.

— Ou princesa — sugeriu Marjorie. — Tens tantas cabeleiras bonitas. Darias uma linda herdeira balcoviana.

— Pfff — desdenhou Tommy. — Já tive a minha dose de namoricos com janotas e aristocratas na noite do meu malfadado baile de debutante. — A menina Thomasina, uma respeitável debutante, fora o papel de que Tommy *menos* gostara. Um papel, aliás, que garantidamente não voltaria a desempenhar. — Tenho pena da Chloe. Ter de ser a Duquesa de Faircliffe... Pobrezinha. Nunca me misturaria com a alta sociedade por diversão.

O sorriso de Elizabeth era matreiro.

— Nem por... ninguém?

Tommy enfiou uma ostra na boca para evitar responder.

— Se fosse esse o caso, não havia problema — sussurrou Marjorie a Elizabeth.

— Eu sei — sussurrou Elizabeth de volta. — Se uma certa pessoa lho pedisse.

Tommy lançou-lhe um olhar gélido, tão incapaz de retorquir «sabem que consigo ouvir-vos, não sabem?» como de se revelar capaz de reagir às opiniões impertinentes das suas irmãs metediças.

Em vez disso, comeu outra ostra.

Elizabeth e Marjorie trocaram sorrisos presunçosos, como se Tommy lhes tivesse com isso revelado tudo o que lhe ia na alma.

2



Hoje era o dia favorito da menina Philippa York. *Quinta-feira.* O dia da reunião semanal de senhoras orgulhosamente letradas e uma pausa merecida na monotonia de ser aquilo que a sua mãe sonhara.

Philippa entrou no enorme salão ensolarado que também servia como sua biblioteca privada. Os seus aposentos pessoais eram demasiado pequenos para albergar a sua coleção, portanto era aqui que se encontrava com as amigas. As conversas abordavam uma variedade de tópicos e era sempre melhor ter o livro de que se precisava à mão.

Philippa adorava tudo na sua coleção: as diferenças de tamanho, peso, cor e conteúdo de cada livro, e, claro, o cheiro inimitável das páginas antigas. Adorava a alegria de adquirir um volume que ainda não lera, e adorava em igual medida o conforto infinito de reler uma obra estimada cuja lombada abria já em todas as melhores partes. Adorava até passar uma manhã a reorganizar tranquilamente a coleção: este mês, por cor; no próximo, por tamanho e forma.

No entanto, por vezes ansiava por *mais*.

Aventura. Excitação. Fazer parte de uma grande história na vida real, em vez de a viver apenas nas páginas de um livro.

Em passo apressado, Philippa verificou as duas dúzias de poltronas aveludadas, garantindo que estavam dispostas na típica

forma oval. As suas convidadas chegariam a qualquer momento e ela queria que estivesse tudo perfeito.

A mãe de Philippa surgiu à entrada do salão. Olhou para a divisão cuidadosamente organizada e não escondeu um olhar reprovador.

— Lembra-te: as tuas amigas não terão um chá formal na minha casa até começares a levares o teu dever a sério. Podem ficar uma hora. Nem um minuto mais.

Este era o castigo de Philippa por não ter conseguido casar com o Duque de Faircliffe quando a oportunidade surgiu. A mãe nunca lho perdoaria. Faircliffe era tudo aquilo que a Sra. York esperara e pelo qual trabalhara todos aqueles anos: um lorde interessado na sua filha.

E Philippa ainda mantinha a esperança de que, dizendo e fazendo as coisas certas, os seus pais viessem a apreciá-la por algo mais do que as relações sociais que o seu futuro marido traria.

Embora a fortuna proveniente dos têxteis dos Yorks os marcasse como novos-ricos, viviam numa mansão proeminente na exclusiva Grosvenor Square, no elegante bairro de Mayfair. O pai de Philippa era um importante membro da Câmara dos Comuns. A sua família era altamente respeitada pelo *beau monde*.

Até Philippa tinha uma herança significativa da parte dos avós maternos.

A única coisa que lhes faltava era um título.

Era a única função de Philippa, e ela falhara. Os seus pais permaneceriam descontentes até ela corrigir o erro.

— Nada de chá formal — assentiu bruscamente. — Não me esqueço.

Apesar do desagrado da mãe, o aparador continha bebidas e um tabuleiro de sanduíches de pepino. A mãe estava demasiado irritada com a filha para permitir um repasto mais extravagante na sala de jantar formal, mas não poderia permitir mexericos que alegassem que a respeitável Sra. York falhara no seu dever de anfitriã. Apesar de a mãe não aprovar algumas das companhias que Philippa mantinha, certos membros eram damas importantes, e não sonharia ofendê-las.

Pais mais severos não incentivariam de todo os interesses de Philippa. A sua paixão por livros e vontade de aprender eram

terrivelmente deselegantes. Podendo arrepende-se de alguma coisa, as generosas cinco temporadas que tinha concedido à filha para encontrar o seu par ocupavam um lugar cimeiro no coração da mãe.

E agora, era altura de Philippa finalmente se decidir.

— Uma hora — repetiu a mãe. — Não terás um momento a mais de diversão até atraíres e *aceitares* um pretendente que tanto eu como o teu pai consideremos satisfatório. Deverá ser uma figura proeminente na Câmara dos Lordes ou, pelo menos, elegível. O teu pai precisa de aliados fortes. Este é o teu dever, Philippa. Nada de diversão até o cumprires.

Os pais de Philippa raramente concordavam um com o outro... exceto nisto.

— Nada de diversão — murmurou ela. — Não me esqueço.

Era difícil esquecê-lo, com as advertências constantes.

Desde a apresentação de Philippa à sociedade que a maioria das conversas com a mãe se centravam em torno da busca pelos melhores lordes com quem casar, e de como Philippa se deveria comportar para fisgar um.

Verdade seja dita, os seus pais cumpriram bastante bem a sua parte do acordo. Não só tentaram ser respeitáveis e irrepreensíveis a todos os níveis, como atribuíram à sua filha um dote suficientemente generoso para comprar um pequeno reino.

O problema não era a falta de oferta. O pai de Philippa quase não tinha tempo para preparar os seus discursos parlamentares, tal era o fluxo interminável de caçadores de fortunas ansiosos por gastar o dote de Philippa.

O problema era a falta de pretendentes *com título*. Os pais casá-la-iam com uma pedra, desde que esta possuísse um brasão. Um título na família elevaria o estatuto social de todos e providenciaria ligações imprescindíveis à carreira política do pai. Os demais pormenores eram irrelevantes.

O outro problema... era Philippa.

Não desejava casar-se com um homem que estivesse unicamente interessado no seu dinheiro; e pior, Philippa era péssima a namoriscar e propensa a afastar um pretendente interessante antes que este pudesse sequer pedir a sua mão. Já era mau ser uma

mulher erudita, o que repelia vários cavalheiros elegantes logo à partida, mas além disso, Philippa tinha também, segundo a mãe, um péssimo gosto. Mais precisamente, não tinha qualquer interesse em iniciar um romance com qualquer homem que já tivesse conhecido.

Não que a mãe fosse ingénuo ao ponto de acreditar numa união por amor. Isto era um negócio. O futuro da sua família dependia do sucesso matrimonial de Philippa.

De acordo com os pais, o melhor era deixar a geração mais velha encontrar um pretendente de nível e com título. Tudo o que Philippa teria de fazer era dizer «sim» e «aceito» quando lho indicassem, e os pais e o noivo viveriam felizes para sempre.

— Estava aqui a pensar... — disse a mãe. Nunca era um bom sinal. — Podia limitar o teu acesso a este salão apenas aos dias em que reúnes o teu círculo de leitura.

— *O quê?* — explodiu Philippa, completamente horrorizada.

O seu santuário pessoal — e os livros lá contidos — eram o seu único escape.

Pôs-se à frente da vitrina que continha a sua valiosa coleção de manuscritos iluminados, como se tapá-los da vista da mãe apagasse a sua existência da mente dela.

Philippa teria de levar alguns volumes para os seus aposentos antes que a mãe a trancasse do lado de fora do salão.

— Já me proibiu de fazer mais aquisições literárias até eu voltar ao mercado matrimonial — lembrou-lhe Philippa. — Não tenho culpa de que a nova temporada só comece em janeiro, quando o parlamento reabrir.

— Hum... — A mãe não parecia impressionada com tal lógica. A sua mãe nunca se impressionava com a lógica.

Philippa sentia-se simplesmente aliviada por ter mais 14 semanas de glorioso solteirismo.

— Talvez o teu círculo de leitura semanal se devesse tornar *quinzenal* até teres um lorde aceitável em vista — disse a mãe.

— Mais uma vez — disse Philippa o mais pacientemente que pôde —, é muito difícil pescar lordes quando Londres ainda não abasteceu o lago. A temporada irá começar daqui a três meses. Decerto chegará para...

Ouviram-se vozes no corredor.

Philippa relaxou. Adorava as suas amigas, espirituosas e inteligentes. Estar limitada a uma mera hora semanal na sua companhia era castigo suficiente. Perder um único minuto mais era impensável.

— Chegaram — disse ela. — Podemos continuar esta discussão noutra altura? Por favor?

A expressão da mãe poderia ser descrita como descontente, mas as vozes animadas já se aproximavam.

Philippa e a mãe não ouviram o bater da aldraba, pois Underwood levava o seu posto de mordomo a sério. Abrira a porta para todas as senhoras antes de terem alcançado o limiar da porta. Após quatro anos e meio de reuniões semanais, as senhoras não precisavam de guia para o salão da família.

Ter todas as suas amigas a avançar até si em conjunto era o melhor momento da semana de Philippa, e a mãe estava literalmente a bloquear o caminho.

— Muito bem — disse a mãe. — Mas apenas porque Lady Eunice chegou.

Philippa assentiu com firmeza.

Há muito que a mãe deixara bem claro que convidadas com título, como era o caso de Lady Eunice, não só estavam socialmente acima de Philippa, como eram mais importantes do que Philippa na sua própria casa. Deste modo, o círculo de leitura continuaria a acontecer enquanto Lady Eunice assim o desejasse.

Não por trazer felicidade ou conforto à única descendente da mãe.

A Sra. York dirigiu-se para o corredor, deixando escapar um guincho de surpresa, como se só naquele momento tivesse reparado nas convidadas a chegar.

— Oh, Lady Eunice, está de uma beleza estonteante, hoje! Creio que temos uma garrafa do seu vinho Madeira preferido. menina Kimball, como foi o casamento da sua irmã? Ah, que bom! Entrem, entrem. Tenho de ir receber as próximas convidadas.

Dizendo isso, a mãe flutuou pelo corredor e para longe das suas vistas.

As amigas de Philippa entraram alegremente no salão. O círculo de leitura era frequentado ocasionalmente por cerca de duas

dúzias de senhoras, mas as suas cinco amigas mais próximas nunca faltavam a uma reunião. Philippa mal se conseguia controlar para não abraçar cada uma delas.

Hoje, Lady Eunice estava belíssima, num vestido de dia de mangas compridas, adornado com pérolas minúsculas, e com os seus caracóis ruivos a emoldurarem-lhe o rosto. Ao ouvir a palavra «Madeira», dirigiu-se imediatamente ao aparador.

Sybil, rainha das listas e dos horários do grupo, empurrou os óculos para cima do nariz e reviu as suas notas antes de determinar que bolo se iria permitir apreciar hoje.

A próxima era Florentia, dona de uma lindíssima pele morena com sardas espalhadas pelo nariz e maçãs do rosto. Afastou os seus caracóis negros e olhou em redor, certificando-se de que tudo estava devidamente preparado.

Gracie entrou apressadamente na sala, despenteada e com as mangas em balão do seu vestido verde-menta enrugadas — ainda assim, estonteante como sempre. Apontou para o relógio no canto e guinchou de alegria.

— O quê? A menina Gracie Kimball chegou cedo a um compromisso? — Florentia levou as mãos ao peito. — Belisquem-me, pois receio estar a sonhar!

— Tenho sido pontual desde que fomos limitadas a uma única hora — protestou Gracie.

As outras olharam para ela em silêncio.

— *Geralmente* pontual — corrigiu Gracie. — Teria chegado mais cedo na semana passada, se não fosse um certo sedutor...

— Chiu — sussurrou Philippa, inclinando a cabeça em direção à porta aberta. — Se a minha mãe sabe que houve namoricos num evento no qual não estive presente...

Tinham apanhado a mãe dela a ouvir pelo buraco da fechadura em várias ocasiões.

Gracie baixou a voz.

— Sybil, tens a tabela. É suposto estarmos a falar em francês ou em latim?

— Grego — disse Florentia.

— Grego *clássico* — corrigiu Sybil, abanando um dedo na direção de Florentia. — Nada das tuas traquinices, minha menina.

Florentia fingiu uma expressão angelical, arregalando os olhos inocentemente.

O coração de Philippa aqueceu. Adorava que as suas amigas não fossem apenas estudiosas, mas que o fossem sem reservas. Entre elas, as damas falavam várias línguas e podiam gabar-se de ter uma compreensão abrangente de vários temas. Falar sobre assuntos sensíveis em código não gerava problema algum.

Enquanto a obsessão de Philippa se centrava em manuscritos físicos, outras amigas regozijavam-se no conhecimento que os livros continham. Botânica, medicina, forja de armaduras, curtição de peles — tópicos para os quais *os homens* tinham clubes e grêmios e sociedades reais, mas dos quais as mulheres eram completamente banidas.

Os pobres e delicados cérebros femininos não poderiam, talvez, suportar pensamentos grandiosos e verdadeiros.

Philippa ansiava por ser incluída. Por esse motivo, criara a sua própria sociedade. Uma irmandade de mulheres tão curiosas e inteligentes como qualquer homem.

E em vez de se dedicarem a um tema específico, cobriam centenas deles. Todos os meses destacavam livros diferentes. Podia tratar-se de um romance deliciosamente tórrido, de um tomo detalhado sobre as especificações de um condensador de uma garrafa de Leida ou sobre as últimas teorias e aplicações da química.

Estas eram as melhores e mais inteligentes mulheres que Philippa conhecia. As amigas tinham-se tornado família. Faria tudo ao seu alcance para manter o grupo unido.

Até casar com o nobre bafiento que os pais seleccionassem para ela.

3



— **D**eve ser o sítio certo — gemeu uma voz anciã à porta. — Esta divisão cheira a livros velhos e vinho caro. Philippa ficou feliz por ver Chloe e a sua indomável e grisalha tia-avó entrarem no salão. Podia presumir-se que a relação entre Philippa e Chloe tivesse terminado em acrimónia, visto Chloe ter roubado o duque com quem Philippa deveria ter casado.

Seria errado presumir tal coisa.

Philippa sentia-se eternamente grata por não ter casado com um homem cuja ambivalência perante a sua união se equiparava à dela. A nova Duquesa e o Duque de Faircliffe tinham *desejado* casar um com o outro.

Se Philippa governasse o mundo, seria esse o único requisito para um casamento.

— Querem saber um segredo? — sussurrou Gracie, de olhos brilhantes e radiantes. — Vou ser tia!

O salão foi invadido por gritos alegres e congratulações.

— Mal posso esperar pela minha vez — disse Gracie com um suspiro feliz. — Pensem só. Um marido... Uma noite de núpcias... Uma casa cheia de bebés...

Nenhuma dessas ideias seduzia Philippa.

Sabia que isso a tornava estranha, mesmo num grupo de párias. *Eram* senhoras, e muitas mulheres queriam certas coisas.

Tais como serem apalçadas pelo mesmo homem para sempre ou encher uma casa pacífica com bebês chorões.

Não havia mal em desejar isso. Porque haveria de haver mal em *não* o desejar?

— Não te preocupes — disse Florentia. — Com a velocidade com que andas a namoriscar, logo, logo estarás no altar.

— Espero que sim — respondeu Gracie. — É por isso que o faço.

Era também uma grande parte da razão para Philippa *não* o fazer. Não só era horrível na arte de namoriscar, como não tinha interesse algum no inevitável desfecho. Podia olhar para uma pessoa e reconhecer objetivamente a sua atratividade, mas nenhum rosto viril inspirara uma paixão tão profunda como a que sentia por uma bonita flor ou um belo pôr do sol.

Não seria certamente a única mulher do mundo relutante em casar e ter filhos; mas as amigas dela pareciam, pelo menos, interessadas também nas partes «deleitáveis». Philippa perdera a conta dos libertinos com quem Gracie dançara ou beijara. Florentia fingia ser arrogante, mas conseguia gracejar com os melhores. Philippa já tinha passado pela experiência de, às escondidas, ter um homem agarrado a si e não desejava repeti-la.

O seu momento mais memorável durante a gala de fim de temporada de Faircliffe fora quando uma jovem dama, alta e magra, de belos olhos castanhos, atravessou a pista de dança até chegar a Philippa, a olhou nos olhos durante um breve instante, corou e fugiu.

Philippa também desejava fugir. *Sonhava* fugir.

Mas, pelas suas amigas, ficava.

— Devíamos começar — anunciou. Ainda não chegara toda a gente, mas já estavam 15 minutos atrasadas e Philippa não queria esgotar o tempo que tinha. — Já decidiram se vão apadrinhar uma biblioteca comunitária?

Philippa atirara-se às obras de caridade desde que atingira a maioridade e ganhara controlo sobre a sua herança materna. Este era o projeto que mais a apaixonava: instalar uma pequena biblioteca em cada bairro de Londres. A aquisição de livros tinha custos proibitivos para todos, exceto para os mais ricos, mas Philippa

acreditava que o conhecimento e o entretenimento deviam estar disponíveis para todos.

Jessica ergueu um saco de couro.

— Trouxe umas quantas cartilhas para crianças para a primeira ronda.

— Eu ajudo-te a acrescentá-las à parede das doações — disse Florentia. — Tenho as coisas organizadas pela ordem de que gosto, e...

Damaris irrompeu pelo salão e fechou a porta atrás dela.

— Cheguei!

Philippa apressou-se a enfiar um lenço no buraco da fechadura antes que a mãe voltasse para espiá-las.

— Devemos falar galês, certo? — trinou a tia-avó Wynchester.

— Grego — retorquiu Florentia.

— Grego *antigo* — corrigiu Sybil.

— Vou dizer isto em inglês — disse Damaris —, pois não me importa quem me ouça. O meu tio, o Capitão Northrup, pode ir para o diabo que o carregue e levar o seu título chique com ele.

Philippa franziu o sobrolho.

— O que aconteceu?

Sybil inclinou-se para mais perto de Philippa, falando em voz baixa.

— Não soubeste o que aconteceu com o tio da Damaris? Veio nos jornais matutinos.

— Vai ser «honrado»... — começou Lady Eunice.

— ... pela sua «esperteza»... — interrompeu Gracie.

— ... em roubar as ideias da Damaris — terminou Florentia.

— Antes do primeiro dia da temporada — disse Sybil apressadamente —, o parlamento irá conceder um viscondado ao Capitão Northrup. O Príncipe Regente vai batizar uma câmara da Real Academia Militar em Woolwich como «Salão Northrup», em honra de toda a família Northrup.

— Nem *toda* a família — resmungou Damaris.

— Apenas os membros «importantes» — frisou Gracie.

Há mais de dois séculos, Sir Reginald Northrup, um dos antepassados do Capitão Northrup, criara um quarteto de manuscritos iluminados semipopular, magnificamente escritos à mão em

fino papel e decorado com enormes iniciais intrincadas no cimo do texto.

A coleção de Philippa continha apenas um volume ilustrado da coleção de contos de cavalaria inglesa de Sir Reginald. O conjunto completo de quatro livros era difícil de encontrar. A encadernação do volume que Philippa possuía estava presa por um fio, razão pela qual Damaris pensara na ideia de...

— Oh *não* — expirou Philippa. — A tua cifra não!

Damaris anuiu miseravelmente.

— A minha cifra.

Há quatro anos, Damaris trouxera uma relíquia de família para o círculo de leitura: um volume radiante e colorido que estava a apanhar pó na biblioteca do tio. Folhas, romãs e espirais extravagantes decoravam a capa dourada. Os limites exteriores das páginas eram igualmente ilustrados com meias-luas de espirais abstratas por entre frutos e heras. O interior era absolutamente magnífico. Embora o estilo fosse idêntico, o de Philippa era um volume diferente, e em piores condições.

Damaris criara uma cifra, usando o raro manuscrito do tio sobre contos de cavaleiros medievais como base. Ensinou o código às outras, apenas para o grupo perder o interesse quando se provou impossível decifrar sem ter o manuscrito iluminado à mão para usar como chave.

— Quando parámos de usar a cifra, odiei ver algo tão elegante cair em desuso. Mostrei a ideia ao tio Northrup e expliquei como se adequava de forma tão única ao quarteto de contos de cavaleiros medievais de Sir Reginald, devido à sua uniformidade espantosa, assim como a abundância e variabilidade de...

— Inglês, disseste tu — vociferou a tia-avó Wynchester.

— Sim. Obrigada. Expliquei o melhor que pude ao tio Northrup e disse que a Coroa ficaria bem servida se codificasse assim as suas mensagens. O tio não pareceu ter muita consideração pela minha sugestão *nem* pela minha cifra, e foi a última vez que falámos sobre o assunto. Partiu para o campo de batalha menos de uma semana depois. Esqueci-me completamente disso até esta manhã.

Chloe levantou a tampa do cesto de verga que pendia do seu braço e estendeu uma folha de jornal a Philippa.

— Aqui está o artigo.

— Primeira página — disse Philippa ao desdobrá-la. — Não na coluna de escândalos.

— *Devia* ser um escândalo — disse Sybil com firmeza.

Philippa sacudiu o recorte de jornal.

De facto, CAPITÃO NORTHRUP É UM HERÓI estava impresso no topo da primeira página.

— Não é justo — disse Lady Eunice. — Ele plagiou a tua grande ideia.

— Dado que se trata da grande ideia da *Damaris* — disse Sybil —, o crédito devia ser da *Damaris*. Assim como o viscondado. E a celebração real no primeiro dia da temporada.

— Não vamos permitir que este roubo passe impune. — Philippa virou-se para Chloe. — A vossa família tem uma longa história de fazer o impossível para fazer justiça a quem não tem outro recurso. Podem ajudar-nos a evitar que o Northrup fique com os louros que pertencem por direito à *Damaris*? Participarei de bom grado em qualquer esquema para impedi-lo.

Chloe abriu a boca.

A porta do salão abriu-se para trás, fazendo com que o lenço caísse do buraco da fechadura.

A mãe de Philippa irrompeu pelo salão, batendo as palmas das mãos.

— Bem, espero que tenham tido uma bela reunião. Voltarei a vê-las para a semana. A porta é por aqui, por favor.

— Mãe... o que... — Philippa apressou-se a impedi-la. — Ainda não passou uma hora. A *Damaris* nem há 15 minutos chegou!

A mãe de Philippa ergueu o queixo.

— Passou uma hora desde que chegou a *primeira* carruagem. Tu e a menina Urqhart deviam aprender a respeitar o relógio.

— Sra. York, isto é importante. — Sybil levantou a folha de jornal. — Estamos a discutir uma cifra de guerra...

— Se vocês, sabichonas, querem resolver enigmas difíceis, então encontrem um marido para a Philippa que não envergonhe a família — interrompeu a mãe. — Não quero ouvir uma palavra sobre outra coisa até à próxima terça-feira à tarde, quando terão precisamente uma hora para se aborrecerem umas às outras até à morte.

As senhoras trocaram olhares.

— Na próxima semana — murmurou Florentia em grego —, planearemos a nossa vingança.

As amigas de Philippa arrastaram-se, contrariadas, do salão para a porta de entrada, com os livros de tiro com arco por discutir ainda nas mãos.

A tia-avó Wynchester parou no limiar da porta. Os seus olhos castanhos brilhavam intensamente no seu rosto pálido e enrugado.

— Não te preocupes — trinou entre dentes. — Se houver maneira de impedir aquele imbecil, eu encontro-a.

— É muito querida — disse Philippa. A tia-avó Wynchester era uma das suas pessoas favoritas. Philippa esperava ter metade da coragem e confiança dela quando chegasse à sua idade.

— Vamos, tia. — Chloe entrelaçou o braço dela no da tia e ajudou a mulher mais velha a cambalear para fora da sala.

A mãe de Philippa deu-lhe umas palmadinhas no rosto.

— Serias uma solteirona sabichona durante o resto da tua vida, se eu não estivesse aqui para olhar por ti. É para o teu próprio bem, querida.

4



Tommy desprende a cabeleira branca da cabeça à medida que ela e a irmã entram pela porta da frente do casarão da família Wynchester no quase elegante bairro de Islington. A ala não utilizada à esquerda permanecera intocada desde a morte de Bean. À direita, ficava a metade radiante e atarefada da casa, com irmãos, criados e sorrisos por toda a parte.

Chloe gritou para o cimo das escadas de mármore:

— Sala dos projetos!

— Eu toco para pedir o chá — respondeu a voz abafada de Graham.

Tommy e Chloe chegaram ao primeiro andar a tempo de vislumbrar Elizabeth a caminhar cautelosamente pelo corredor, com uma mão a agarrar a sua bengala e a outra a anca.

Uns dias, usava a bengala-espada para defender os desprotegidos. Outros, era fortemente usada para se manter direita.

Este parecia ser um dos dias maus.

Por norma, os irmãos sentavam-se por uma ordem que espelhava o seu retrato de família. Hoje, Elizabeth ajeitou-se num sofá, juntamente com um excesso de almofadas.

Tommy e Graham ocuparam os seus assentos usuais entre duas janelas altas. Chloe preferiu percorrer o chão de lousa entre a lareira e a enorme mesa de nó de nogueira, tomando cuidado para

não pisar os horários e mapas desenhados a giz de sessões de planeamento anteriores.

— Graças a Deus pela intriga — disse Elizabeth. — Estava a ficar entediada. Não temos um caso para resolver há séculos.

Graham olhou fixamente para ela.

— Acabámos uma missão ontem.

— Tal como disse. — Acenou com uma mão. — Séculos.

Graham virou-se para Chloe.

— Então? Do que se trata? Serviços de resgate? Chantagem? Rapto?

— Um homem está a receber os créditos por uma ideia de uma mulher — explicou Tommy, num tom monótono.

O irmão pestanejou.

— Retiro o que disse — disse Elizabeth secamente. — Não se trata de todo de um caso *novo*.

— Tenho de concordar — disse Graham. — Isso deve acontecer dez vezes por dia.

— Dez vezes por segundo — corrigiu Chloe.

— Hurra — disse Elizabeth. — «Contradizer a cobertura patriarcal» é exatamente o tipo de atividade noturna pela qual ansiava. Vou precisar de uma bengala-espada maior.

— Começemos com algo pequeno e cresçamos daí — sugeriu Tommy. — Temos uma cliente específica que precisa da nossa ajuda. Todos se lembram de conhecer a Damaris Urqhart no verão passado?

— Claro. — Graham virou-se para escolher um diário recente da prateleira junto à cadeira dele. — O que é que ela precisa que nós impeçamos?

— A celebração de abertura da temporada social do Príncipe Regente — respondeu Chloe.

— «Algo pequeno» — repetiu Elizabeth. — Gosto.

Graham tirou outro volume da sua prateleira.

— Este diário contém anotações que fiz sobre cada uma das galas e celebrações anteriores do *Prinny*.¹ — Parou com o dedo

¹ *Prinny* era o nome pelo qual era conhecido o Príncipe Regente Jorge, que viria a ser Jorge IV. [N. T.]

na lombada. — Terá isto que ver com os sucessos criptográficos recentes de um certo Capitão Northrup?

— É isso mesmo — disse Tommy. — Graças à Damaris, a Philippa coleciona manuscritos iluminados. Aparentemente, a certa altura antes de a Chloe e eu assistirmos ao círculo de leitura das terças-feiras à tarde...

— *Philippa* — Graham e Elizabeth arrulharam em simultâneo.

Tommy lançou-lhes um olhar furioso.

Elizabeth pestanejou inocentemente.

— Que tal se apresentava hoje a nossa querida Philippa, Tommy?

— Como a mulher mais linda de Londres? — perguntou Graham com uma falsa sinceridade.

— De Inglaterra — resmungou Tommy.

— Eu podia apresentar-te como... *tu* — lembrou Chloe. — Assim não tinhas de continuar a fingir ser a tempestuosa tia-avó Wynchester.

— *Não posso* falar com ela como sendo eu — frisou Tommy. — Quando me aproximo o suficiente para lhe tocar, todos os meus pensamentos se misturam e me escapam.

— Pelo visto, todos temos uma fraqueza — comentou Elizabeth com um suspiro. — A minha é uma sede de sangue incontrollável.

— A fraqueza do Jacob são ouriços-cacheiros bebés — acrescentou Chloe, de forma solícita. — E poesia romântica.

— E se nos concentrássemos no caso? — Graham afixou o lápis. — Gostaria de ler todas as comunicações codificadas. O que achas que a cifra da Damaris ajudou o exército a fazer, mais precisamente?

— O que ajudou o *Northrup* a fazer — respondeu Tommy — foi a aceitar honrarias por plagiar o trabalho da Damaris.

Graham atravessou a divisão até à parede das biografias e folheou um diário.

— Vai receber um viscondado, e gozar de uma cerimónia pública, no sábado, dia 17 de janeiro.

— Como é que isso já está no teu álbum? — perguntou Chloe. — A notícia não foi anunciada apenas esta manhã?

— Eu recebo as notícias antecipadamente. — Graham folheou as suas anotações. — Vai ser complicado impedir as celebrações. Só o número de guardas...

— Eu podia atrasar alguns com o meu espadim — sugeriu Elizabeth. — E o Jacob podia soltar quaisquer que sejam as criaturas treinadas a proliferar no celeiro esta semana.

— Morcegos? — adivinhou Chloe. — Coelhoinhos sedentos de sangue? Porcos pugilistas?

— Não precisamos de impedir a gala — disse Tommy. — Precisamos de impedir que o Northrup receba o crédito pelo que a Damaris fez. A distinção devia ser feita a quem a merece.

— Ou a ninguém — emendou Elizabeth. — Não fiques surpreendida se o *Prinny* se recusar a dar o nome de uma erudita a salões da Real Academia Militar.

— Desde que fama e fortuna não vão para o seu tio presunçoso e desmerecedor — disse Chloe. — Ironicamente, o livro usado na fraude contém contos de cavalheirismo.

— Tudo sobre cavalheirismo é irónico — disse Elizabeth.

— O *Prinny* já fez o anúncio — disse Graham. — Mesmo que conseguíssemos provar que o Capitão Northrup não é merecedor, poderá o *Prinny* ignorar esse pormenor e avançar com a cerimónia?

— Não. — Tommy recostou-se na cadeira. — Não o fará, devido ao *seu* maior problema.

Graham ergueu as sobranceiras.

— Que é?

— Nós. — Sorriu. — O *Prinny* pode ter vencido o *Boney*, mas nunca ninguém venceu uma batalha contra um Wynchester.

5



— **N**em pensar — disse Tommy a Jacob e Marjorie na tarde seguinte, durante o chá. Devolveu o ouriço-cacheiro bebé ao irmão. — Parem de se meter.

— É difícil quando pedes uma tarte a um fazedor de tartes? — realçou Jacob com sensatez. — Ou quando dás direções a um condutor de carruagens? Chamamos a isso «palavras». Os praticantes extremamente hábeis conseguem avançar até à «conversa». Tu e a Philippa deviam experimentar.

Marjorie voltou a servir o chá.

— A Tommy nunca esteve apaixonada por um condutor de carruagens nem por um fazedor de tartes.

— Nunca estive apaixonada por um homem, não importa quão deliciosas fossem as suas tartes — frisou Tommy. — Mais depressa me apaixonaria pela Lua do que por um homem. E a Lua é muito mais bonita.

— Mas não tão bonita quanto a Philippa — cantarolaram os seus malditos irmãos.

Se ela tivesse uma tarte, atirava-lhes uma à cara.

— Não estou apaixonada — resmungou.

Estava para lá de apaixonada. Os pensamentos românticos de Tommy não se encheram senão de Philippa quase desde o primeiro momento em que a vira.

Poderia ter permanecido uma paixoneta passageira, se ela e Chloe não tivessem tido de se juntar ao círculo de leitura durante o decurso de uma missão anterior para recuperar uma obra de arte roubada. Nessa altura, Chloe apaixonara-se pela conversa com outras entusiastas da literatura — assim como pelo pretendente de Philippa.

E Tommy... apaixonara-se por Philippa.

— Quando é que o Graham e a Elizabeth regressam a casa? — perguntou Tommy numa tentativa pouco subtil de mudar de assunto.

— Quem sabe? — Jacob virou ao contrário o ouriço-cacheiro, que mal cabia na sua mão. O ouriço reagiu, fechando-se em volta do dedo dele. — O Graham está a recolher informações e a Elizabeth... anda a comprar espadins.

Tommy devia ter ido com ela. Comprar espadas devia ser melhor do que aturar irmãos casamenteiros quando se tentava apreciar um repasto vespertino.

Que saudades tinha de Chloe! Após Bean ter sucumbido à varicela no ano anterior, Tommy e Chloe tinham ficado ainda mais próximas. Haviam passado meses numa operação clandestina para libertar um artigo roubado do Duque de Faircliffe.

E depois Chloe casara com ele.

Agora era a *Duquesa de Faircliffe*. Já não estava ali para comer bolos e beber chá, nem para fazer cócegas a ouriços-cacheiros bebés. Os seus antigos aposentos continuavam ao fundo do mesmo corredor que os de Tommy, mas nada permanecia no seu interior, a não ser mobília indesejada.

Eram mudanças suficientes para um ano. Os dias de Tommy estavam repletos de missões e tartes. Não precisava de juntar «palavras» e «conversas» à sua agenda ocupada.

Jacob apresentou uma caixa de rapé ornamentada.

— Não acredito que a nossa aventureira destemida e confiante tem medo de falar com uma *rapariga*.

— Mulher — corrigiu Marjorie.

— Tens a desculpa perfeita para abordes a Philippa. — Jacob abriu a caixa de rapé. Não continha rapé. — Estamos a ajudar o círculo de leitura dela.

— Não tenho motivos para falar com ela — disse Tommy.
— A próxima reunião só é daqui a uma semana e, de qualquer modo, ainda não temos novidades.

Jacob ergueu um sobrolho.

— Então, até lá, vais limitar-te a suspirar por ela a distância?

— Ela é boa nisso — disse Marjorie. — Tem andado a praticar o ano inteiro.

— Obrigada, Marjorie — murmurou Tommy.

A verdade era que não valia a pena desbravar um caminho que não iria dar a lado nenhum. Todas as coisas boas tinham um fim. Especialmente no que dizia respeito às pessoas de quem Tommy gostava. Ficara órfã aos 4 anos. Bean morrera. Chloe partira. Mais valia reconhecer logo que as relações eram temporárias, do que fazer com que as esperanças e os sonhos e os *sentimentos* interferissem.

Tommy infiltrava-se em asilos e imitava guardas noturnos de bom grado. Era boa a resolver situações para clientes.

As situações impossíveis da vida dela, no entanto, tendiam a permanecer impossíveis.

— Qual é o problema? Não há leis que impeçam mulheres de irem para a cama umas com as outras — indicou Jacob.

— Talvez seja esse o problema — disse Marjorie. — A Tommy adora infringir leis.

— «Não ilegal» não é o mesmo que «aceite», e tu sabes disso — frisou Tommy. — O Graham está sempre a decifrar mensagens nos anúncios. Porque é que achas que a anfitriã decidiu esconder a verdadeira natureza daquela festa sáfica, na casa de campo, no mês passado?

— Para que os homens não comparecessem — disse Marjorie, sem hesitar.

— Provavelmente — concordou Jacob.

Tommy ignorou-os. Fora uma excelente festa.

O desejo e o prazer não lhe eram estranhos. As suas amantes não procuravam mais do que uma aventura de uma noite. Diversão enquanto durava. Não havia expectativas de perambularem juntas pela cidade nas suas vidas *reais*. A maioria nem sequer partilhava o seu verdadeiro nome.

Era perfeitamente satisfatório. Tommy não precisava de mais nada. Nem de mais ninguém.

— Além do mais — disse ela —, não há motivo para acreditar que a Philippa se interessasse por mim, mesmo que eu a inundasse de palavras e conversa. Ela anda à caça de marido. Quase casou com um duque. Para as pessoas como os Yorks, dar-se com um Wynchester sem título, mesmo platonicamente, é demasiado escandaloso para sequer considerar.

— Ela dá-se com a *tia-avó* Wynchester — notou Marjorie.

Tommy lançou-lhe um olhar inexpressivo.

— A alta sociedade não é, nem nunca será, para mim.

— Talvez a Philippa também não a queira — sugeriu Jacob.

Tommy começou a desfazer o bolo com os dedos.

— Talvez queira. Não sabemos. Prefiro nunca confessar os meus sentimentos a vê-la recuar de horror.

— E se ela não recuasse de horror? — disse Marjorie suavemente.

— Mesmo assim não poderia ficar com ela — disse Tommy.

— Perder a Philippa seria pior do que nunca a ter tido. Se eu perdesse a hipótese de uma amizade, ficaria sem nada.

— Uma conversa simples — insistiu Jacob. — Não um soneto sobre a tua admiração pelo seu enorme cérebro e os seus ainda maiores seios, mas uma conversa normal, vulgar, de palavras e ideias sobre outra coisa que não o caso. Se fizeres isso, prometo parar de te chatear.

Tommy lançou-lhe um olhar furioso.

— Eu também prometo — disse Marjorie. — Até farei com que os outros também prometam. Se falares com a Philippa por... quinze minutos.

— Vinte — disse Jacob de pronto.

— Falar com a Philippa por *vinte minutos*? — vociferou Tommy.

— Sobre quê?

— Leva-lhe um gatinho — sugeriu Jacob. — Ela gosta do *Tiglet*.

— O *Tiglet* é um gato-correio — lembrou Tommy. — Se ela o pousar, ele volta a correr para Islington.

— Então, podes voltar a entregá-lo. — Jacob bateu-lhe levemente com o dedo no nariz. — Vês? Ele é um desbloqueador de conversas perene.

— Não vou dar-lhe o *Tiglet* — disse Tommy com firmeza.

— Devias despachar-te — avisou Marjorie. — O Graham disse que ela estará em Hyde Park dentro de uma hora.

— O Graham nem sequer está aqui para participar na conversa. Ele... — Tommy semicerrou os olhos. — Ele planeou isto? Vocês planejaram isto? Estou a ser atacada?

— Estás a ser manipulada para fazer a coisa que, na verdade, queres fazer — disse Jacob alegremente. — Não podes morrer sem ter tentado pelo menos uma vez.

— Não me posso dirigir a ela na pele da Tommy Wynchester. Ela não *conhece* a Tommy Wynchester e, além disso, o passeio diário em Hyde Park é para a alta sociedade. A mãe dela não me daria 20 segundos, mesmo que eu fosse a Lady Thomasina. A Sra. York foi muito clara ao dizer que a Philippa apenas poderia confraternizar com futuros pretendentes.

Jacob encolheu os ombros.

— Então, sê um.

— Não uma barqueira — acrescentou Marjorie rapidamente. — Sê alguém que a Sra. York permita que se aproxime da filha.

Um sorriso astuto espalhou-se pelo rosto de Jacob.

— Sê o Barão Vanderbean.

— O novo herdeiro existe apenas em papel — lembrou Tommy.

O irmão levantou o sobrolho.

— Se ninguém o viu, então ninguém pode dizer que tu *não és* ele, ou pode?

Tommy calculou que não.

O Barão Vanderbean, que os salvara a todos, possuía um pequeno pariató na sua Balcovia nativa, um principado nos Países Baixos.

Embora Bean tivesse deixado fundos fiduciários generosos a cada um dos seus filhos adotivos, uma relação social era algo que o dinheiro não podia comprar. Antes de morrer, Bean criara um herdeiro e uma herdeira fictícios: Horace e Honoria Wynchester. Ao manter o patrocínio do novo Barão Vanderbean e o acompanhamento da sua nobre irmã, os órfãos Wynchester podiam continuar a ter acesso a locais e pessoas que os teriam ignorado se não tivessem relações com títulos.

Era irónico que um lorde imaginário tivesse mais poder do que uma mulher real.

— Queres que seja o Barão Vanderbean — repetiu Tommy.

Só de proferir as palavras, Tommy arrepiou-se. O Barão Vanderbean era *Bean*.

Bean morrera.

Tommy faria de tudo para ter o pai de volta. Não queria ter nada que ver com um parente inventado. E não conseguia imaginar apoderar-se do nome de Bean. Se fingisse ser o «filho» dele, Horace Wynchester, toda a gente lhe chamaria Barão Vanderbean. Não estava certa de que conseguiria lidar com isso.

Mas também não queria que a família dela a visse hesitante e dócil. Tommy era quem *fazia* coisas. Podia ser qualquer pessoa. Apenas não tinha a certeza de conseguir fazer... isto.

— É uma má ideia — disse ela. Pronto. *Ela* não era fraca. O *plano* era defeituoso.

— Porquê? — perguntou Jacob.

— Em primeiro lugar — respondeu vagarosamente —, se eu fizer de Barão Vanderbean, mais ninguém o poderá fazer.

Jacob exibiu um sorriso matreiro.

— Quem mais o vai fazer?

Bem, era justo.

Marjorie e Elizabeth eram horríveis a fazer-se de homens, e a pele bastante morena de Jacob tornava improvável que fosse filho de sangue de Bean. O tom de pele bronze-dourado de Graham talvez permitisse que se safasse, mas o temperamento dele nunca o permitiria.

Alta, magra, branca e sem curvas, Tommy era a mais credível como herdeiro de Bean.

E mais: ela poderia ter interações mais honestas com Philippa enquanto cavalheiro, do que vestida como uma velha dama no círculo de leitura dela. Tommy coçou a nuca nervosamente. *Poderia ela fazê-lo?*

— Além disso — continuou Jacob —, o novo herdeiro serviria o seu propósito.

Marjorie pegou num bolo.

— O Barão Vanderbean *foi* a nossa entrada na sociedade, mas agora a Chloe desempenha essa função. A aprovação do Duque

e da Duquesa de Faircliffe tem muito mais peso do que laços com um lorde estrangeiro solitário.

Jacob parou de brincar com o seu ouriço-cacheiro.

— Pensa nisso, Tommy. A identidade do barão era para qualquer dos Wynchesters que necessitasse, independentemente da razão. E quem necessita dela és tu.

— E talvez a Philippa — acrescentou Marjorie.

Tommy pousou a chávena de chá.

— Vinte minutos de conversa como Barão Vanderbean e nunca mais voltam a mencionar o meu afeto pela Philippa?

Jacob e Marjorie levaram os dedos ao coração e ergueram-nos em direção ao céu. A saudação Wynchester era a forma como os irmãos juravam os seus votos. Ambos pareciam inocentes.

Tommy semicerrou os olhos na direção deles.

— Vinte minutos completos — disse Jacob. — De palavras reais. Não vinte minutos de suspiros.

— É um passeio — lembrou-lhe Tommy. — Terei sorte se falar com ela por *dez* minutos.

Jacob sorriu.

— Então, terás de fazê-lo duas vezes.

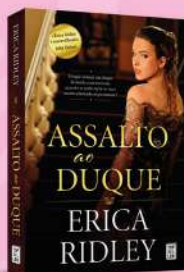
Perita em disfarces, Tommy, ou melhor, Thomasina Wynchester, consegue ser qualquer pessoa, desde uma jovem indefesa a um homem velho e devasso — tudo o que for necessário para que os casos que a sua família tem em mãos sejam resolvidos. Mas quando a nova cliente de Tommy se revela a encantadora menina de boas famílias por quem está secretamente apaixonada há anos, é muito mais do que a sua missão o que está em jogo.

A menina Philippa York, por seu lado, não acredita no amor. O seu coração não palpitou quando se viu prometida a um duque, nem se quebrou quando este, para irritação dos seus pais, se casou com outra mulher. Tudo o que deseja é dedicar-se ao fiel círculo de leitura que organiza com as amigas e, pelo meio, resistir à pressão dos pais para encontrar um noivo, esquivar-se do insistente barão Vanderbean — que parece surgir em toda a parte — e ajudar uma amiga injustiçada. A sua vida parece estar virada do avesso. Mas ao descobrir que o charmoso e astuto barão é, na verdade, uma mulher, o futuro torna-se subitamente promissor. E será aquilo que sente no peito sempre que se aproxima de Tommy o seu coração a bater?

«Um romance divertido e sexy que mostra o poder que surge quando as pessoas encontram aceitação total das suas famílias, dos amantes e de si mesmas. Arrebatador.»

Kirkus Reviews

LEIA TAMBÉM:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica

 penguinlivros.pt

  [topseller.editora](https://www.instagram.com/topseller.editora)

ISBN 9789896234584



9 789896 234584 >